



A ICONOGRAFIA JUDAICA E AS MOEDAS DA JUDEIA

Prof. Dr. Wagner Carneiro Porto¹
<http://lattes.cnpq.br/5177324451229879>

RESUMO – Este artigo objetiva discutir possibilidades de análise iconográfica a partir das imagens estampadas das moedas da Judeia-Palestina, mais especificamente nas moedas de Jerusalém do período que vai desde a dominação persa na região até a conquista da Judeia pelos romanos. Além das moedas outros suportes como sarcófagos, capitéis, joias, dentre outros discutirão elementos da cultura judaica como o lírio, a palmeira, a uva e instrumentos musicais. A duas revoltas dos judeus contra os romanos se constituirão em importante pano de fundo histórico para reflexão de nossas observações.

PALAVRAS CHAVE - Iconografia monetária; cultura judaica; Império Romano.

ABSTRACT – It was our intention in this work was to study the imagnetic of local coinage from Judea-Palestine mostly Jerusalem from the Persian until the roman domination in the region. Observing the monetary types we intended to understand how the Jewish typology can reveals some cultural elements of Judaism. Also it was our intention in this work from the monetary studies, to analyse the gradual influence that the roman civilization establishes in the region of Palestine, as well as its relationship with the Greek and Hebrew culture present in the region.

KEYWORDS – monetary iconography; Jewish culture; Roman Empire.

Introdução

O presente artigo tem a pretensão de apresentar, e de certa forma discutir, alguns dos principais símbolos do judaísmo em objetos da cultura material da região conhecida como Judeia-Palestina. Dentre todos os artefatos que servirão de suporte para esses elementos da iconografia judaica (lamparinas, alças de jarros, capitéis, selos, sarcófagos), a moeda será nossa principal interlocutora, evidenciando, para você leitor, que esse pequeno objeto, sempre associado à esfera econômica, serviu também de suporte para que reis, governadores e procuradores romanos, se valessem de seu poder de

¹ Doutor em Arqueologia pelo MAE/USP. Professor Titular do curso de História e Supervisor da especialização em Arqueologia da Universidade de Santo Amaro.



circulação – ela passa de mãos em mãos – para utilizarem-na como instrumento de propaganda político-ideológica.

As moedas produzidas na Judeia, destacamos as de Jerusalém, caracterizam-se por possuir muitos símbolos entendidos como judaicos. Todavia é importante frisar que muitos elementos iconográficos escolhidos para estarem na **cara** ou na **coroa** das moedas produzidas em Jerusalém eram não judaicos como o *lituus*, e o *simpulum* (instrumentos sacerdotais romanos), o elmo, a galé, a proa (elementos marítimos muito ligados a tradição grega e romana na região) e a águia (símbolo do poderio romano).

Nas poucas linhas deste artigo, decidimos realizar uma abordagem representativa dos principais símbolos judaicos nas emissões monetárias de períodos mais recuados até o momento de dominação efetiva dos romanos na região. Propomo-nos aqui explicar o aparecimento e desenvolvimento do lírio, da uva, da palmeira e de alguns outros elementos mais na iconografia das moedas emitidas por Jerusalém.

A análise iconográfica das moedas judaicas

Começamos pelo **lírio**. Esta flor possui uma tradição de longa data na iconografia judaica. Isso provavelmente seja decorrência de sua presença na Torá, na Mishná, ou em qualquer outro documento de cunho religioso dos antigos judeus. Talvez seja por isso que um símbolo extremamente forte presente nas moedas atenienses que circulavam por todo o mediterrâneo, incluindo a cidade de Jerusalém, no século V a.C. – a folha da oliveira – símbolo da cidade de Atenas – tenha sido substituída na região da Judeia pela flor de lírio.

Por que ocorreu essa substituição? É sobre isso que trataremos agora. Nos longínquos tempos de dominação persa da Judeia (estamos falando de um período que se principia no início do século VI a. C.), o nome das moedas produzidas na satrapia² da Judeia era *Yebud*, pois nelas estava impresso a inscrição paleo-hebraica YHD, abreviação para *Yebud*. “YHD” era na ocasião o título oficial do reino de Judá sob o governo Persa.

Contudo, este título além de ser considerado para a província propriamente

² Satrapias eram províncias administrativas ou unidades políticas do império persa que se consolidaram com a expansão do Império e persistiram durante a ocupação macedônica. Essa forma de organização política deixou marcas importantes no sistema político-administrativo do Império Selêucida que vigorou ora com mais força ora com menos força até a chegada dos romanos na região da Judeia.



dita também deve ser aplicado para sua capital, Jerusalém. Assim, por extensão, as moedas de Judá ou Jerusalém eram automaticamente associadas à sua cidade emissora.

Além da bíblia, os papiros descobertos no assentamento judaico de Elefantina, no Egito, também fazem referência ao nome *Yebud* como nome da satrapia de Judá durante o período de dominação persa. Existem numerosos e bem conhecidos selos de impressão sobre alças de jarros do período persa, os quais apresentam não só o nome “YHD”, mas também o nome pessoal dos sátrapas da província judaica.

Ao lado das famosas moedas de ouro – os dáricos – cunhadas pelo imperador persa (depois de 517 a. C.), na Judeia circulavam as moedas de prata de Atenas, como demonstraram descobertas arqueológicas (KANAEEL, 1963, p. 39-40). Durante os séculos V e IV a. C., as moedas atenienses dominaram o comércio internacional e como não poderia deixar de ser, circulavam, amplamente por toda a Judeia-Palestina, enquanto os shekels de prata, cunhados na Pérsia, tinham importância secundária.



Figura 1
Selo de impressão em alça de jarro: YHD.
(MESHORER, 2001, p. 7.)

Aos poucos as produções monetárias do mundo antigo começaram a copiar os desenhos dessas moedas gregas. Foi o caso das cidades da Ásia Menor, Egito, Fenícia, Mesopotâmia e Sul da Arábia, assim como algumas produções da Judeia como aquelas de Gaza, Ascalon, Samaria e também as cunhagens de Jerusalém. A cabeça de Atena e a coruja que era sagrada para a deusa (e para a cidade de Atenas), tornaram-se assim um motivo reconhecido que foi copiado a fim de garantir uma aceitabilidade de uma nova moeda no mercado monetário.



Figura 2

Moeda Ateniense do século V a.C. Cf. C. KRAY, 1976, p. 355

substituídas pelas letras páleo-hebraicas (YHD). Nas próximas cunhagens, a cabeça da deusa Atena ainda aparece sobre o anverso, mas o estilo é mais oriental. Uma mudança importante – e quase imperceptível – é notada sobre o reverso: a folha de oliveira foi trocada por uma flor de lírio. Não só a inscrição com o nome da cidade foi substituído, mas também a planta que simboliza esta cidade grega foi trocada por uma que simboliza Jerusalém.

O tipo retratado na moeda abaixo (Fig. 3) foi aparentemente o primeiro de uma série de cópias, que reproduziram fielmente as moedas atenienses – exceto pela fineza artística das originais gregas. A única diferença está na inscrição. As três letras gregas ΑΘΕ (Atenas) foram



Figura 3

Atena em estilo oriental - flor de lírio Cf. Y. MESHORER, 2001, p. 277.

Existe um significado local para entender a substituição da folha de oliveira pelo lírio. Além disso, essa flor (lírio) aparece como imagem principal de outras moedas *Yehud*. São inúmeras as menções do lírio, na Bíblia, na Mishná e na literatura antiga relacionando o lírio a um contexto religioso, presente nos templos por ocasião dos rituais de sacrifício. Os capitéis sobre as colunas erguidas na fachada do templo construído pelo rei Salomão eram esculpidos em forma de lírios: “os capitéis que sobremontavam as colunas no pórtico, tinham a forma de lírios” (1Reis 7, 19). A carta de Aristeas, que relata o



Figura 4

Capitel em estilo de lírio de Ramat Rahel
(MESHORER, 2001, p. 8-9)

Foram encontrados muitos capitéis em estilo de lírio, construídos pelos reis de Israel e Judá, em escavações importantes do período do primeiro Templo³, como em Hazor, Megido, Samaria e Jerusalém. Um dos mais belos exemplos de capitéis em forma de lírio foi revelado pelas escavações em Ramat Rahel, onde eles aparentemente suportavam a base de um palácio do tempo do reinado de Judá.

Tudo isso nos leva a concluir que, durante o período do Primeiro Templo, não somente o templo, mas também construções públicas e palácios reais na Judeia foram adornados com capitéis em forma de lírio. Essa é aparentemente a razão pela qual a representação dos lírios começou a simbolizar o reino de Judá, e não nos surpreende vê-los retratados em dois selos de seus altos oficiais. Neriyaahu e Pedayahu que criaram o título “filho do rei”.

Este motivo continuou popular durante o período do Segundo Templo. Nos dias dos hasmoneus⁴, o lírio foi um símbolo proeminente da arte judaica. Este símbolo pode ser

tempo de Ptolomeu II, Filadelfo (e foi escrita uma ou duas gerações depois, entre 260 e 261 a.C.), nos informa sobre os utensílios doados ao templo por seu rei incluindo a mesa de ouro sobre a qual se colocavam os pães de proposição e que possuía pernas em estilo de lírios (Aristeas 68 e 75).

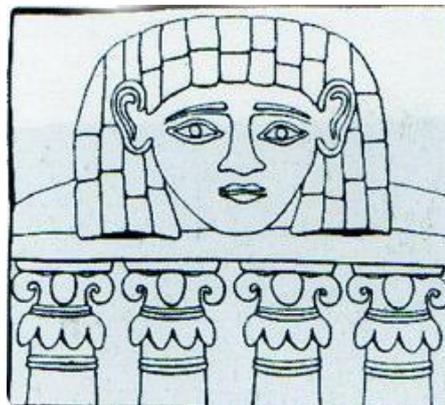


Figura 5

Marfim esculpido caracterizando uma mulher sobre uma base com colunas e capitéis em forma de lírio
(MESHORER, 2001, p. 8-9)

³ Os períodos de existência do Primeiro e do Segundo Templo são importantes para distinguir dois períodos importantes da história dos judeus: o período correspondente ao Primeiro Templo vai desde a construção do Templo por Salomão no século XI a.C. até a sua destruição por Nabucodonosor II, da Babilônia, em 586 a.C. O período correspondente ao Segundo Templo, vai desde a libertação e regresso dos judeus, do cativeiro da Babilônia, em 516 a.C., até a destruição do Templo pelos romanos, em 70 d.C., a propósito da Primeira Revolta dos judeus contra os romanos.

⁴ A dinastia dos hasmoneus fora fundada pelos macabeus. Eles governaram a Judeia de 164 a 63 a.C., reimpuseram a religião judaica, expandiram as fronteiras de Israel e reduziram no país a influência da cultura helenística. Os macabeus, segundo a bíblia e outras fontes antigas, foram os integrantes de um exército



visto nas moedas produzidas pelos reis hasmoneus João Hircano I e por Alexandre Janeu. Durante os dois séculos que precedem a destruição do Segundo Templo, o lírio aparece como um adorno dominante sobre as fundações arquitetônicas, joias, moedas e particularmente sobre os sarcófagos judeus.



Figura 6

Selo de Pedayahu “filho do rei” com representação do lírio na parte superior. (MESHORER, 2001, p. 10)

De acordo com Ya’akov Meshorer, parece que com a **ascensão do Cristianismo** o lírio como um motivo decorativo vai perdendo sua força gradativamente entre os

judeus. Ele ainda aparece como símbolo judaico nas moedas dos procuradores romanos da Judeia e também sobre as lamparinas. É interessante notar que os lírios esculpidos sobre as colunas de mármore da sinagoga de Susiya foram depois obliterados, provavelmente durante o período em que esta flor já tinha ganhado maior significado entre os cristãos. A evidência arqueológica nos ensina que o desaparecimento gradual do lírio da arte judaica estava diretamente relacionado com sua crescente popularidade na arte cristã, e nós podemos verificar isso marcadamente na

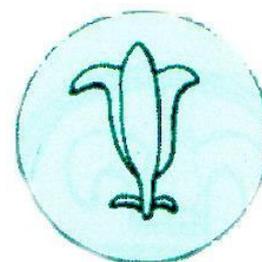


Figura 7

Lírio impresso em anel de Jerusalém do século II a. C. (ibidem)

maioria das igrejas bizantinas de Israel. De acordo com Meshorer, a importância do lírio para o Cristianismo está aparentemente conectada com o fato de que esta flor estava sendo segurada pelo anjo que anunciou o nascimento de Jesus e porque as três pétalas simbolizariam a Santíssima Trindade (MESHORER,



Figura 8

Lírio em um sarcófago de Jerusalém. II a.C. (ibidem)

2001, p. 9).

rebelde judeu que assumiu o controle de partes da Terra de Israel, até então um Estado-cliente do Império Selêucida.

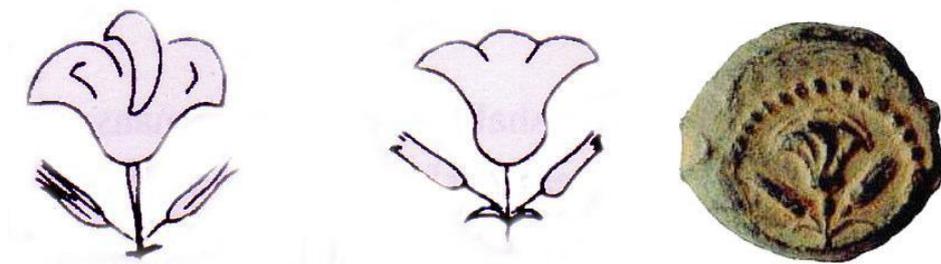


Figura 9

O Lírio, como é retratado nas moedas de João Hircano I (MESHORER, 2001, p. 34-35)



Figura 10

O Lírio nas moedas de Antíoco VII (ibidem)



Figura 11

O Lírio nas moedas de Alexandre Janeu (ibidem)

Nas moedas de João Hircano I, o lírio é visto com suas três pétalas abertas entre dois ramos de trigo. Sobre as moedas de Alexandre Janeu, o lírio aparece como uma flor com três pétalas abertas e longas. Semelhantes àquelas moedas *Yebud*. Nós podemos notar, pela insistente representação nas moedas, que o lírio era muito popular no século I a.C., e que, não obstante, sua representação aparece isoladamente ou em combinação com



cornucópias sobre anéis e gemas encontradas em Jerusalém.

O lírio aparece novamente nas moedas produzidas na Judeia somente no período em que Roma já é senhora da região, e num momento em que os procuradores romanos governam o lugar. Os procuradores governaram a Judeia de 6 a 66 d. C., e o motivo que levou Roma a enviá-los para a região da Judeia está diretamente relacionado com a irreparável deterioração das relações entre Herodes Arquelau (um dos três filhos de Herodes, o Grande) e a população judaica. Valério Grato, procurador que governou a região de 15 a 26 d. C. e que foi anterior ao bastante conhecido Poncius Pilatos, foi quem decidiu reintroduzir o lírio nas moedas da Judeia.

Existe uma ligação entre as atividades públicas e emissoras de Valério Grato. De acordo com Meshorer, Grato iniciou a produção de moedas imediatamente, em seu primeiro ano. Essas moedas são datadas do segundo ano do reinado do Imperador Tibério e são caracterizadas por apresentarem duas cornucópias cruzadas e palma, símbolos introduzidos no espírito romano de apaziguamento com os judeus, e talvez também em consulta às lideranças judaicas (MESHORER, 2001, p. 168-169). O símbolo judaico mais cunhado nas moedas de Valério Grato – três lírios – apareceu nas moedas produzidas em seu terceiro ano (Fig. 12). Ainda Meshorer nos afirma que sua presença aqui era indubitavelmente entendida como símbolo de amizade e gratidão, e sua escolha se explica pelo fato de ser o lírio uma expressão bastante popular da arte judaica da época (MESHORER, 2001, p. 169).



Figura 12

Reverso de moeda do procurador romano Valério Grato sob o reino do Imperador Romano Tibério. Três lírios saindo de duas folhas. (MESHORER TJC 321; HENDIN 642)

Outro símbolo que se destacou nas moedas produzidas na Judeia-Palestina é a **uva**. Ora apresentada como somente uma folha da parreira, ora retratada como um cacho de uvas, ou ainda ambas juntas.

Para se entender, a princípio, porque a representação desta folha diz respeito a uma folha de parreira é necessário observarmos o reverso de uma das primeiras moedas que Herodes, o Grande mandou produzir em Jerusalém (Fig. 13). Trata-se da representação, na cara da moeda de uma das mesas do Templo. Essas mesas são representadas com uma base apoiada sobre três pernas curvas. As três pernas indicam tratar-se uma mesa redonda.



Exemplos dessa mesa foram encontrados no estrato herodiano durante as escavações no quarteirão judeu de Jerusalém. (ANDERSON, 1995, p. 461). Sobre a mesa ficava uma menorah de ouro que tinha o objetivo de mostrar a mesa dos pães da proposição (1 Crônicas 28, 16). A coroa desta moeda traz uma folha de videira.

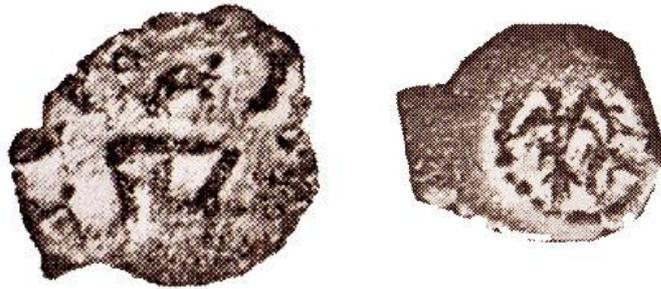


Figura 13

Moeda produzida por Herodes, o Grande. Anverso (cara): mesa com três pernas encurvadas. Legendas de anverso: em grego, ΗΡΩΔΟΥ ΒΑΣΙΛΕΥΣ, que significa: do rei Herodes. Reverso (coroa): folha de Videira. Cf. Meshorer TJC 58.

Sabemos que a videira é um importante componente do templo judaico. De acordo com Flávio Josefo, quando Herodes reconstruiu o Templo, ele o adornou com motivos que representavam a parreira: “acima da entrada aquelas videiras douradas, a partir da qual penderam os cachos de uva tão altos quanto um homem” (JOSEFO, **A Guerra dos Judeus**, V, 5) e “sobre a cornija, propaga uma videira dourada com cachos de uva caindo por sobre ela” (JOSEFO, **Antiguidades Judaicas**, XV, 12). A Mishná adiciona: “Uma vinha de ouro colocada sobre a entrada do santuário; e quem quer que deseje doar ouro para o santuário, representado em forma de uma folha ou de cacho de uvas” (MEDITO 3,8, apud MESHORER, 2001, p. 67). A videira encontrou expressão não somente nas cerimônias de libação de vinho sobre o altar, mas também, como pudemos ver, sobre a vinha de ouro na entrada do santuário.

O desenho do cacho de uvas aparece depois sobre as moedas de Herodes Arquelau, nas moedas do procurador Valério Grato, e sobre as moedas da Revolta dos Judeus contra os romanos (Fig. 14 abaixo, respectivamente). A folha da parreira é bastante retratada nas moedas da Primeira e da Segunda revolta dos judeus contra os romanos.



Figura 14

Cacho de uvas nas moedas dos judeus

As moedas de Herodes Arquelau caracterizam-se mais costumeiramente por apresentar símbolos marítimos como âncoras ou galés do que por apresentar símbolos judaicos. Estes símbolos vinculam-se ao porto de Cesareia, fundado por seu pai Herodes, e que também porque ele possuía grande importância econômica e política dada as vantagens que ele oferecia. Esses símbolos marítimos também representam uma importante viagem que Herodes Arquelau fez para Roma, solicitando ao imperador Augusto que elevasse seu status e ampliasse seus direitos. O aparecimento da folha da parreira e do cacho de uvas quebra esta sequência de cunhagens com símbolos marítimos.

Este não é, meramente, um belo desenho de uma fruta da região da Judeia-Palestina, não há dúvidas de que entre os estágios de desenvolvimento dos símbolos da arte judaica a parreira adquiriu um importante significado, pois temos um número bastante elevado de folhas de parreira e cachos de uva que aparecem sobre as decorações da arte judaica do século I d. C. Como citado anteriormente, uma videira de ouro foi colocada na entrada do santuário do templo; ela motivou a representação de vinhas nas lamparinas, como decoração das fachadas de construções e sobre os sarcófagos judeus.



Figura 15

Cachos de uva e folhas em lamparina do século I d.C.
(MESHORER, 2000, p. 18-19)



Segundo Ernst Klimowsky, a partir da Guerra dos Judeus contra os romanos foi dada à uva uma maior relevância e a partir de então ela tornou-se um dos principais símbolos religiosos do judaísmo. Desde então ela tem adornado não somente anéis, mas também todo tipo de objetos: sarcófagos e ossuários, parte de

(KLIMOWSKY, 1974, p. 21-21). Este símbolo aparece nas primeiras produções monetárias deste período com cálice com inscrição “Jerusalém é Santa” na cara da moeda enquanto que a coroa apresenta a folha da videira e inscrição “Liberdade de Israel” (Fig. 17 abaixo).



Figura 16

Cachos de uva e lírios estilizados em sarcófago de Jerusalém do século I d.C. (MESHORER, 2000, p. 18-19)



Figura 17

Moeda de bronze emitida pelos judeus à época da Primeira Revolta dos judeus contra os romanos (66-70 d.C.). No anverso (cara) termos uma ânfora de borda larga, bojo canelado e duas alças com tampa. No reverso (coroa) folha de videira com pequeno talo.

Nas outras emissões do período da Guerra dos Judeus contra os romanos a folha de uva aparece com a inscrição “Liberdade de Sião”.



No tempo da revolta de Bar Kosiba⁵, a videira foi representada sobre as moedas como cachos de uvas ou como a folha da videira. Ela foi também muito popular como uma decoração dos túmulos, ossuários, sarcófagos, lamparinas. Nos primeiros dias da arte judaica, nos séculos I e II d. C., a videira, juntamente com o lírio, aparece como sendo o motivo mais comum. O cacho de uvas é sempre representado aqui como um triplo cacho, e aparentemente foi aceito assim na arte judaica. Exceto por uma emissão na qual apresenta a folha da videira pentaforme e inscrição para a liberdade de Jerusalém (Fig. 19).



Figura 18

Representações da palmeira nas moedas judaicas.
Da esquerda para direita: Palmeira (árvore), ramo e feixe de palmas

O próximo elemento judaico do qual trataremos neste nosso artigo é a **palmeira**. Partindo para uma exposição da palmeira nas moedas produzidas na região da Judeia-Palestina, temos uma longa trajetória de sua representação seja como um ramo da palmeira (*lulav*), como um feixe dos ramos, seja ainda como a representação da própria árvore.



Figura 19

Moeda de bronze emitida durante a Segunda Revolta dos judeus contra os romanos.

⁵ Simão Bar Kosiba é o líder da chamada Segunda Revolta dos judeus contra os romanos, iniciada em 131 d.C. Ele é chamado também de Bar-Kokhba (filho da estrela), numa interpretação messiânica de Números XXIV, 17, feita por Rabi Aqiba ben Joseph (KIPPENBERG, 1988, p. 150-151).



A palma aparece pela primeira vez nas moedas da região da Judeia-Palestina nas produções de do rei hasmoneu João Hircano I. Nós também podemos chamar o ramo de palmeira de *lulav*, embora não saibamos ao certo se os hasmoneus pretendiam reproduzir um *lulav* (a palma como sendo uma das quatro espécies vegetais envolvidas na festa dos tabernáculos (*Sukkot*), sendo as outras: o mirto, o salgueiro e a cidra) ou a representação do ramo de palmeira que penetrou na região (automaticamente influenciando o judaísmo) com o seu significado helenístico: como um símbolo da vitória (KLIMOWSKY, 1974, p. 26; MESHORER, 2001, p. 125-126).

Nike, a deusa grega da vitória, segura um ramo de palmeira em suas mãos. Segundo Klimowski, a palavra “*lulav*” não era, a princípio, uma palavra hebraica que significasse “palma”, mas “fonte” ou “brotar”. Segundo esse autor, a palavra *lulav* vai adquirir o sentido de palma depois do Festival dos Tabernáculos (KLIMOWSKY, 1974, p. 26). Klimowsky não descarta, porém, a possibilidade de uma interpretação da simbologia



Figura 20

As quatro espécies da Festa dos Tabernáculos: o ramo da palmeira (*lulav*) à direita, o mirto no centro, folha do salgueiro à esquerda e uma cidra (*etrog*). Cf. Y. MESHORER, 2001, p. 126.

monetária judaica vinculada a uma propiciação da fertilidade. Para ele, assim como para Romanoff (1944), a fertilidade pode ser aferida a partir de representações de romãs, da hera, da parreira, que aparecem nas representações do templo.

Ressaltamos, igualmente, que diante de uma situação extrema como foi a das revoltas judaicas contra os romanos, a propiciação da fertilidade tem a ver com a



sobrevivência do grupo, que era muito mais fraco e reduzido do que o exército romano que enfrentavam.

Dois tipos de *lulav* aparecem nas moedas dos hasmoneus. Sobre as moedas de João Hircano I, o *lulav* é preso com uma fita na parte superior, e sobre as moedas de Alexandre Janeu não há fita. Contudo, não existe razão para assumir que esta fita dê significados diferentes às emissões de Hircano e Janeu. Essas duas formas são encontradas tanto em moedas emitidas pelos judeus como por não judeus. Outras representações do *lulav* aparecem ainda sobre as moedas de Herodes, o Grande, nas de Herodes Antipas, nas dos procuradores romanos, nas da Guerra dos Judeus contra os romanos, e nas da revolta de Bar Kosiba.

As moedas de João Hircano I são conhecidas como *Yehobanan*. As inscrições que aparecem em suas moedas são: “Yehohanan o sumo sacerdote e conselheiro dos judeus”, e “Yehohanan o sumo sacerdote e a cabeça do conselho dos judeus”. A moeda de Hircano que tem o ramo de palmeira (*lulav*) apresenta a inscrição “Yehohanan o sumo sacerdote e o conselheiro dos judeus” dividida em quatro linhas.

Como seu pai João Hircano I, Alexandre Janeu também emitiu moedas com a representação do ramo de palmeira. Nessa moeda, o lírio aparece em um lado enquanto o *lulav* surge do outro junto com a inscrição Yehonatan, o rei. Sobre essas moedas foram inseridos pontos que circundam o *lulav*. De acordo com Meshorer, este círculo de pontos pode ser entendido como uma coroa que abriga o ramo de palmeira e o nome do rei (MESHORER, 2001, p. 33-35).



Figura 21

Moeda de bronze emitida pelo rei Herodes, o Grande no ano 40 a.C.. A cara traz uma trípode com um vaso cerimonial chamado *lebes* sobre ela. A coroa traz um *apex*, touca cerimonial dos sacerdotes romanos. Acima da touca duas palmas, uma de cada lado. Cf. Hendin 486 e Meshorer TJC 44

Herodes, o Grande, gravou a palma pela primeira vez nas moedas Sebaste, cidade



do interior da Judeia-Palestina (Fig. 21).

Se analisada em conjunto, essas moedas trazem informações significativas sobre o tipo de relacionamento de Herodes com os romanos.

Nessa moeda temos um *apex* – touca cerimonial dos sacerdotes romanos, entre dois ramos de palmeira. Do outro lado aparece uma trípole em pé sobre uma base e sobre o topo dela uma bacia com uma borda dentada. Em volta dela aparece uma inscrição em grego: ΒΑΣΙΛΕΩΣ ΗΡΩΔΟΥ (“do rei Herodes”); no campo aparecem a data e o monograma ΛΓ (ano três da tetrarquia). O *apex* e a trípole aparecem sobre as moedas romanas de 43 a 40 a.C. Também é comum aparecer nas moedas romanas os dois ramos de palmeira entre a trípole. O *apex* e a trípole estão entre os mais destacados objetos usados pelos sacerdotes romanos em seus rituais e cerimônias.

A utilização de elementos e significados romanos nas cunhagens de Herodes, o Grande revelam quais os caminhos de sua política de governo: ser um rei cliente dos romanos dentro do território judaico-palestino. Já a presença dos ramos de palmeira evidencia um duplo aspecto propagandístico: uma utilização romana, poderíamos assim dizer, na qual procura mostrar sua força e suas vitórias frente os reinados vizinhos. E conquistar o povo judeu (com um uso religioso do ramo da palmeira) totalmente descontente com os princípios político-administrativos do governo de Herodes.

Nas moedas emitidas durante a Guerra dos Judeus contra os romanos, a palmeira é retratada na forma de três ramos de palmeira; de uma palmeira com sete folhas e dois cestos ao lado; de dois feixes de palmas com uma cidra (*etrog*) no meio; e um feixe de palmas com duas cidras a cada lado.

A propósito das emissões dos judeus da Primeira Revolta, as inscrições apresentam um fato curioso. No primeiro ano da revolta 66 d.C., surge a inscrição “Liberdade de Jerusalém”. As moedas emitidas no segundo ano da revolta apresentam a inscrição “Liberdade de Sião”. De acordo com Y. Meshorer, essas legendas coincidem com as importantes vitórias militares dos judeus sobre os romanos nesses primeiros anos de conflito (MESHORER, 2001, p. 116).

É interessante notar como nos anos seguintes do conflito os judeus substituem nas moedas essas legendas de cunho motivacional, do ponto de vista militar, para a frase “para a redenção de Jerusalém”. Os estudiosos entendem que essa mudança na inscrição no quarto ano de conflito, com as sucessivas derrotas no campo de batalha, levaram os líderes



da revolta a apelar para o auxílio divino. A mudança da inscrição “liberdade de Jerusalém” e “Liberdade de Sião” para “redenção de Sião”, estaria diretamente relacionada com os novos cursos da guerra (MESHORER, 2001, p. 130).

As moedas produzidas durante a Revolta de Bar Kosiba trazem a representação do feixe de folhas da palmeira com uma cidra (*etrog*) à esquerda (as quatro espécies do festival dos Tabernáculos); uma ânfora (*flagon*) com um ramo de palmeira no campo superior; uma palmeira com sete folhas e dois cachos de fruta; e uma palma circundada por uma grinalda (Fig. 22, abaixo).



Figura 22

Anverso (cara) de moeda de bronze que apresenta uma palma envolvida por uma grinalda. Este conjunto iconográfico está presente nas moedas do reis hasmoneus João Hircano I e Alexandre Janeu e nas moedas da Primeira Revolta dos judeus contra os romanos.

Gostaria de tecer um comentário sobre esta última representação (da palma circundada por uma grinalda). Aqui como nas moedas de João Hircano I, Alexandre Janeu e nas moedas da Primeira Revolta dos judeus contra os romanos, o ramo de palmeira tem um duplo significado: além de estar relacionado ao sentido religioso da festa dos tabernáculos, também representa claramente um símbolo da vitória. Então, a palmeira tem um significado primário que, conforme esteja associada a um ou outro elemento (ou inscrição) ou a um ou outro contexto histórico, seu significado é transformado. Assim sendo, é preciso analisar as imagens de uma moeda em seu conjunto,

considerando as informações de anverso e reverso. Conjugando informações de imagens e legendas.

Ya'akov Meshorer faz uma leitura distinta dessa representação: a grinalda apresentada envolvendo a palma significaria o coroamento de Bar Kosiba (MESHORER, 2001, p. 142), e para dar mais ênfase a esta sua leitura do símbolo, a moeda apresenta a inscrição “Simão, príncipe de Israel”. Eu particularmente discordo desta leitura. Entendo que esta representação esteja mais ligada aos aspectos que mencionamos anteriormente. Abaixo a mesma representação em um outro suporte que não a moeda: uma pedra trabalhada, a gema carneliana (Fig. 23, abaixo).

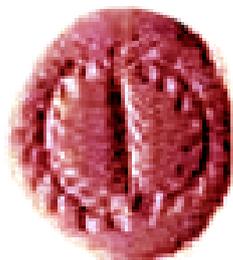


Figura 23

Gema carneliana com a representação de uma palma (*lulav*).
Cf. Y. MESHORER, 2001, p. 149.

Juntamente com as moedas que trazem a palma, as moedas com a representação da palmeira (árvore) também merecem uma apreciação. Na época da Revolta de Bar Kosiba as representações da palmeira eram bastante comuns na arte judaica. Este desenho era bastante popular sobre as moedas

de Tiro (Fenícia), onde ele representava o emblema da cidade (os habitantes locais eram chamados de “fenícios” pelos gregos, e a palavra ΦΟΙΝΙΕ significa palmeira, apesar de que alguns estudiosos vinculam o nome Fenícia à púrpura que havia no local quando do contato com os gregos).

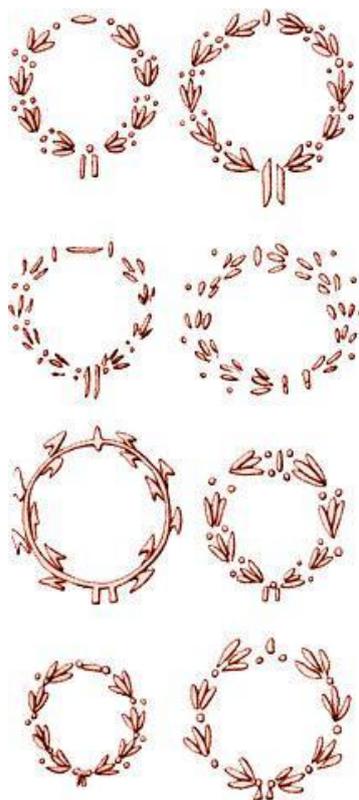


Figura 24

Grinalda nas moedas dos hasmoneus
(MESHORER, 2001, p. 32,

A palmeira está também presente nas moedas dos primeiros procuradores romanos na Judeia, Coponius e Ambibulus (foram procuradores de 6 a 12 d.C.) e sobre as moedas do procurador Antonio Felix em 54 d.C.. De acordo com uma leitura de Klimowsky, a palmeira caracterizaria a Judeia como o relevo vegetativo próprio de sua paisagem. Esse autor nos apresenta a ideia de que a palmeira estaria ligada a cultos pré-históricos como os da árvore sagrada. Dentro desse contexto a palmeira teria um caráter feminino estando intimamente ligada, nesse passado remoto, ao culto da deusa-mãe. Klimowsky cita uma passagem do **Cântico dos Cânticos** (VII, 7-8) em que Sulamita é comparada à palmeira, para mostrar como se perpetuou no imaginário judaico a ideia do feminino ligado a essa árvore (KLIMOWSKY, 1974, p 40).

Chama atenção a diversidade das plantas que compõem as grinaldas. Como também se evidencia a grande quantidade de tipos monetários relacionados a essas grinaldas.

Segundo Meshorer, essas não representam apenas uma decoração. Esse autor acredita

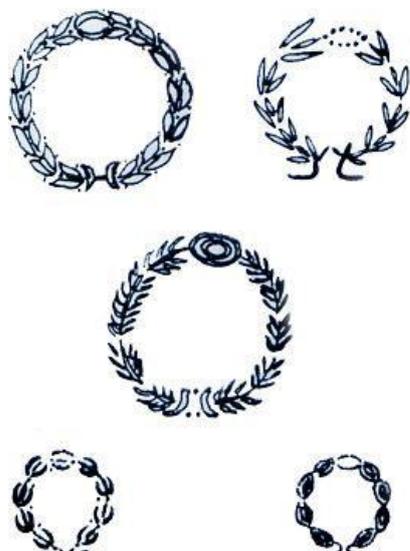


Figura 25

Grinalda nas moedas da Segunda Revolta dos judeus (ibidem)

existir nelas um significado simbólico que representaria a liderança e a autoridade do emissor. O fato de a grinalda circundar o nome do sumo sacerdote e seu título sugere uma conexão entre a grinalda e o conteúdo escrito (MESHORER, 2001, p. 36).

Segundo Goodenough, é difícil definir as espécies de plantas que formam a grinalda. Este autor acredita que talvez não houvesse por parte da autoridade emissora uma intenção deliberada em se escolher mirto, hera, carvalho ou palmeira para colocar em suas moedas (GOODENOUGH, 1965, p. 40-41).

Para Meshorer, a escolha dessa ou daquela planta, está muito mais ligada ao estilo artístico predominante em determinado momento histórico (MESHORER, 2001, p. 37).

Um outro símbolo judaico muito importante nas moedas de Jerusalém é a **menorah**⁶, que não foi muito retratada nas moedas judaicas; aparece, todavia, sobre uma moeda de Matatias Antígono (40 – 37 a. C.), morto pelos romanos três anos depois de tomar o poder restaurando a glória da dinastia dos hasmoneus.



Figura 26

Representação da mesa dos pães no anverso (cara) com legendas em páleo-hebraico, que significa: Matatias o Sumo Sacerdote. E menorah no reverso (coroa) da moeda de Matatias Antígono com legendas em grego, ΒΑΣΙΛΕΩΣ ANTI, que significa: do rei Antígono.

⁶ A *Menorah* é um candelabro de sete braços, é um dos principais e mais difundidos símbolos do Judaísmo.



É interessante notar como que a legenda da **cara** da moeda esteja em paleo-hebraico, enquanto que a legenda da “coroa” esteja em grego. Em alguns casos, trata-se de uma estratégia de agrado tanto a grupos helenizados na Judeia que preferem ler o grego, pois estão totalmente imersos na cultura helênica introduzida por Alexandre, o Grande e continuada pelos reis selêucidas, quanto a judeus mais piedosos mais renitentes. Entre os dois grupos raramente se alcança total contentamento... Nesse caso, em especial de Matatias Antígono, até por seu histórico de judaização e combate à helenização, a manutenção de legenda em grego nas moedas pode estar muito mais ligada à esfera econômica da qual a moeda faz parte indissociável do que sobre qualquer aspecto étnico-religioso ou cultural.

Segundo Y. Meshorer, a ausência da *menorah* nas moedas, está conectada com a “aparente proibição de sua representação”, como temos encontrado no Talmude:

um homem não pode fazer uma casa depois do projeto do templo, de um pátio depois do projeto do corte do templo, de uma mesa após o projeto da mesa [no templo] ou de um *candelabrum* (*menorah*) após o projeto do *candelabrum*. Pode, entretanto, fazer um com cinco, seis, ou oito [braços] mas com sete não pode fazê-lo mesmo que seja de outros metais (*Avodah Zarah*, 40, 1).

A partir do século I a.C. até meados do século II a.C., a maioria das *menorot* (plural de *menorah*) são representados na arte judaica (em sarcófagos e lamparinas) de forma esquemática, possuindo sempre ou mais de sete braços ou menos de sete braços,



Figura 27

– Harpa de 7 e de 3 cordas nas moedas judaicas



nunca com sete braços. Somente em um período posterior são encontrados candelabros com sete braços.



Figura 28

Lira de 3 cordas nas moedas judaicas

A ausência de sete braços nas *menorot* dos séculos I e II a.C. (a proibição da representação da *menorah* na iconografia monetária da época) está diretamente ligada à proibição rabínica, que possuía uma influência considerável, fazendo prevalecer sua vontade frente à autoridade emissora oficial.

Outros símbolos importantes, ligados ao templo, que podem ser observados nas moedas da Judeia são a **harpa** (*nebel*), a **lira** (*kinor*) e a **trombeta**.

De acordo com David Hendin, esses instrumentos musicais simbolizam as orações no templo, os quais eram tocados pelos levitas, os músicos do templo. Os cantos dos salmos no templo eram acompanhados por instrumentos musicais, e a dedicação antecipada do novo templo poderia ter sido celebrada com os instrumentos dos levitas (HENDIN, 2001, p. 149-150). Essas tradições foram preservadas tanto no Talmude

quanto no Midrashim. O Talmude diz:

...e com música. Nossos rabinos pensam: o som do agradecimento foi [acompanhado por] *kinors*, *nebel*, e pratos (musicais) estão em todos os cantos e sobre todas as grandes pedras de Jerusalém; e [os salmos] são entoados: eu exaltarei: Tu, oh, Senhor, me eleva etc. (*Shebuot*, 15b apud MESHORER, 2001, p. 148).



Figura 29

Rei Davi tocando harpa (*nebel*). Mosaico de uma sinagoga de Gaza. Cf. Y. MESHORER, 2001 p. 148.



Outro instrumento musical observado nas moedas de Jerusalém é a trombeta. Analisando as moedas judaicas podemos perceber que esse instrumento musical é representado nas chamadas moedas “nacionalistas” dos judeus, ou seja, nas moedas produzidas pelos judeus durante a Segunda Revolta dos judeus contra os romanos (abaixo)

Segundo D. Hendin, nos dias de hoje, existe consenso entre os estudiosos de que os dois objetos que aparecem nessas moedas são duas trombetas. Esse autor nos informa que, todavia, no passado, acreditou-se se tratar de dois castiçais (HENDIN, 2001, p. 254-256). Essas trombetas de prata foram feitas para serem usadas a princípio no Tabernáculo e mais tarde no Templo. Segundo Meshorer essas trombetas serviam para um duplo

propósito: como um sinal de chamado para a assembleia da Congregação, e como súplica em tempos de guerra. Em vista da

importância das trombetas nas cerimônias do Templo, Bar Kosiba escolheu apresentá-las em suas moedas para enfatizar – como também ocorrera com a harpa (*nebel*), e a lira (*kinor*) – sua aspiração para reconstruir o Templo e resgatar nele o serviço santo (MESHORER, 2001, p. 153).

Outro tipo iconográfico importante que aparece nas moedas produzidas em Jerusalém é a representação do **Templo**. A composição dos esquemas iconográficos relacionados à representação do Templo nos permite refletir sobre algumas questões que dizem respeito à leitura iconográfica da moeda, a utilização política da moeda por Roma e o convívio dos judeus com outros povos que habitaram a Judeia-Palestina.

Construções e monumentos estão entre os mais notáveis temas que motivaram as imagens das moedas antigas. A cunhagem de moedas com esses edifícios transformaram-se em uma importante ferramenta de trabalho para o historiador, arqueólogo e numismata da atualidade, por apresentar informações sobre estruturas arquitetônicas que muitas vezes já sucumbiram à força do tempo.



Figura 30

Moeda de prata emitida pelos judeus da Segunda Revolta (Bar Kosiba) com a representação de 2 trombetas. Cf. Hendin 730.



Alguns estudiosos sugerem que essa representação nas moedas seria o plano da fachada do Templo que Bar Kosiba pretendia construir. Reifenberg afirma que essa imagem nas moedas representaria partes do Templo, como o *sukkah* (tabernáculo), o “belo portão do Templo”, o portal do Santo dos Santos etc (REIFENBERG apud MESHORER, 2001, 144).



Figura 31

Anverso (cara) de moeda de prata batida pelos judeus durante a Segunda Revolta contra os romanos. Fachada do templo de Jerusalém. Legendas em páleo-hebraico, que significa: “Shim'on” (Simão).

Entretanto, pensamos que a sugestão de que essa representação nas moedas se trata do plano da fachada do Templo idealizado por Bar Kosiba ou a ideia de que se trata da representação de partes do templo não se sustenta, pois os elementos que sugerem ser a representação do Templo reconstruído por Herodes são muito mais consistentes.

O Segundo Templo de Jerusalém reconstruído por Herodes, é notificado

com riqueza de detalhes pela iconografia monetária da Palestina. A nova aparência helenística dada ao Templo por Herodes é evidente a partir das descrições dadas por Flávio Josefo em suas obras **Antiguidades Judaicas e na Guerra dos Judeus**. Também a radical mudança das colunas que tinham a forma fenícia de lótus, para o estilo helenístico jônico, pode ser claramente vista nos shekels batidos durante a Segunda Revolta (132-135 d.C.) de Simão Bar Kosiba (fig.31).

Algumas dessas primeiras moedas apresentam a fachada de um Templo jônico, mas com um típico telhado liso oriental. Outros shekels, feitos por artistas menos hábeis, usam um jogo mais cru de símbolos para representar as características arquitetônicas, mais ainda assim o estilo helenístico é inconfundível.

Um detalhe excepcional que aparece nas



Figura 32

Anverso (cara) de moeda de prata batida pelos judeus durante a Segunda Revolta contra os romanos. Fachada do templo de Jerusalém. Linha em forma de onda acima do templo.



moedas de prata cunhadas nos últimos anos da Segunda Revolta (134-135 d.C.) é uma linha em forma de onda acima das colunas (Fig. 32).

Segundo M. Tameanko, a melhor e mais recente teoria para explicar este símbolo foi proposta por Lawrence D. Sporty (SPORTY, apud TAMEANKO, 1999, p. 48). Sporty sugere que esta linha é uma representação de uma videira dourada com cachos de uvas que foram colocadas sobre o epistílio (viga mestra) em torno do alto do edifício. Josefo descreve como uma decoração em dois lugares distintos de seus escritos. Ele diz que: “... logo acima da entrada, aquelas videiras douradas, das quais pendiam os cachos de uva tão altos quanto um homem” (JOSEFO, **Guerra dos Judeus**, V, 5), e “...sobre a cornija, propaga uma videira dourada com cachos de uva caindo por sobre ela” (JOSEFO **Antiguidades Judaicas**, XV, 12).

Considerações Finais

Estudar os símbolos judaicos partindo de sua retratação nas moedas e suas consequentes representações simbólicas não é tarefa fácil. Neste trabalho foi nossa tônica e preocupação metodológica considerar sempre que outros suportes além da documentação textual devem apoiar as reflexões sobre iconografia monetária.

Dentro dos esquemas iconográficos tratados aqui procuramos abordar aspectos de afirmação política, étnica, religiosa e cultural utilizados por judeus piedosos ou não, helenizados ou não, a partir da retratação de significativos símbolos judaicos utilizando para isso as moedas.

Mostramos como a retratação de símbolos judaicos nas moedas a propósito da Primeira Revolta e da Segunda Revolta dos judeus ocultam algumas e desvelam outras intenções e preocupações dos judeus. A escolha do lírio, da palmeira, da uva ou de instrumentos musicais para estarem estampados nas suas moedas nos dizem muito sobre isso. Percebemos que os tipos monetários dos judeus durante as duas revoltas evidenciavam exatamente o que os judeus queriam: sentimento nacionalista e o caráter de resistência que fizeram parte dessas duas rebeliões. Assim, símbolos e inscrições eram escolhidos minuciosamente para representarem o sentimento que esses judeus desejavam marcar.

A força desses símbolos foi tamanha – e sua presença nas moedas contribuíram muito para isso – que em algumas cidades consideradas não judaizadas, a influência da



comunidade judaica na cidade motivou a cunhagem de moedas com símbolos judeus, mostrando como as lideranças não-judaicas em determinados momentos tiveram um convívio politicamente harmonioso com as lideranças judaicas.

As tensões sociais, iniciadas principalmente no campo com as opressões agrárias, motivaram a eclosão das duas principais revoltas dos judeus contra os romanos, em 66-70 d.C. e em 132-135 d.C., respectivamente. Pudemos evidenciar que os tipos monetários dos judeus desse período são flagrantes na sua intencionalidade: os símbolos expressamente judaicos são predominantes e, além disso, é digno de destaque o fato de os judeus colocavam intencionalmente seus símbolos por sobre os bustos dos imperadores romanos presentes nos aversos das moedas, obliterando-os propositadamente para marcarem a força judaica.

As fontes escritas mostram que nesses momentos de conflito bélico houve uma grande movimentação nas cidades da Judeia-Palestina, seja a partir dos milhares de militares romanos estacionados com suas legiões nas cidades, seja na tentativa de alguns de escaparem ao conflito. As emissões em tempo de guerra com sua iconografia inserida nesse contexto, evidenciaram que cidades que a princípio, escaparam do olhar das fontes textuais, apresentaram, através de sua imagética monetária algum tipo de envolvimento no conflito.

Por fim, enfatizamos o prazer em reconstruir a história da Judeia partindo das informações contidas nesses pequenos objetos hoje tão vinculados à esfera econômica da sociedade. E pensar que a maioria das pessoas vinculadas à academia ou não, mal podem imaginar o potencial de fonte histórica que a moeda possui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEL, F.-M. **Histoire de la Palestine I**. Paris: J. Gabalda, 1952.
- AJC **Ancient Jewish Coinage**. Por Y. Meshorer. 2 vol. New York, 1982.
- ANDERSON, J. D. The impact of Rome on the periphery: the case of Palestina – Roman period (63a.C. - 324 d.C.). **The archaeology of society in the Holy Land**. Ed. por Thomas E. Levy. New York, Facts on File, 1995, p. 446-469.
- BÉRARD, C. Iconographie-Iconologie-Iconologique. **Études de Lettres**, v.4, Paris, 1983, p. 5-37.



- BRIGHT, J. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 1978.
- CARTA DE ARISTEAS A FILÓCRATES, 22. DIEZ MACHO, A. **Apócrifos del Antiguo Testamento II**. Madrid: Cristiandad, 1983-1987.
- DUNCAN-JONES, R. **Money and government in the Roman empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- FLAVIO JOSEFO. **Guerra de Los Judíos: y destrucción del templo y ciudad de Jerusalém**. Barcelona: Iberia, 1948.
- _____. **Jewish antiquities**. Londres, Heinemann, 1950.
- _____. **Obras completas**. Introdução e tradução direta do grego de Luis Farré. Buenos Aires: Acervo Cultural, 1961.
- FLEMING, M. I. D. A. Projeto Temático. **Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP)**. São Paulo: Fapesp, 2011.
- FLORENZANO, M. B. B. Monetary iconography and forms of government. **Symposium Portraits E Propaganda: Face of Rome**. Papers Providence: Brown Univ, 1989.
- GITLER, H. LEMAIRE, A. The levant: Phoenicia and Palestine in the Persian Period. **A survey of numismatic research 1996-2001**. Madrid: International Association of Professional Numismatics, 2003.
- GOODENOUGH, E. R. **Jewish symbols in the Greco-roman period**. Nova Iorque e Toronto, 1965.
- GOSDEN, C. What do objects want? **Journal of Archaeological Method and Theory**. vol. 12 (3). 2005.
- GUARINELLO, N. L. Poder e política no império romano. **História no ano 2000: perspectivas**. Bauru: EDUSC, 2000.
- HENDIN, D. **Guide to Biblical Coins** (4rd Edition). New York: Amphora, 2001.
- HENGEL, M. **Judaism and Hellenism**. Studies in their Encounter in Palestine during the Early Hellenistic Period I. Londres: SCM Press, 1981.
- HERODOTO. **História**, Brasília: Editora da UnB, 1985.
- HOWGEGO, C. HEUCHERT, V. BURNETT, A. (eds.) **Coinage and Identity in the Roman Provinces**. Oxford: Oxford University Press. 2005.
- JOHNSON, P. O judaísmo. **História dos judeus**. Rio de Janeiro, Imago, 1989.
- KANAEL, B. Ancient Jewish coins and their historical importance. **BA** 26, 1963.



- KLIMOWSKY, Ernst. **On Ancient Palestinian and Other Coins: Their Symbolism and Metrology.** Israel Numismatic Society, 1974.
- KRAAY, C. M. **Archaic and classical greek coins.** Londres: Methuen & Co. Ltd., 1976.
- LÉVÊQUE, P. **O mundo helenístico.** Lisboa: Edições 70, 1987.
- MESHORER, Y. **City-Coins of Eretz-Israel and the Decapolis in the Roman Period.** Jerusalém: Israel Museum, 1985.
- MESHORER, Y. **A treasury of Jewish Coins.** Jerusalém: Yad Ben-Zvi Press, 2001.
- MOMIGLIANO, A. **Os limites da Helenização.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1991.
- PÉREZ, C. Monnaie du pouvoir. Pouvoir de la monnaie. Une pratique discursive originale: le discours figuratif monétaire (1er s. av. J.-C - 14 ap. J.-C.). **Annales Littéraires de l'Université de Besançon**, 332. Histoire ancienne, vol. 71. Paris, 1986.
- PRÉAUX, C., **Le Monde hellénistique.** La Grèce et l'Orient (323-146 av. J.-C.) I-II, Paris: Presses Universitaires de France, 1987/1988.
- REIFENBERG, A. **Ancient Jewish Coins**, 2nd ed., Jerusalém, 1947.
- REVELL, L. **Roman Imperialism and Local Identities.** Cambridge: Cambridge University Press. 2009.
- 214 RICHARDSON, J. *Imperium Romanum: empire and the language of power.* Journal of Roman Studies, 1991.
- ROMANOFF, P. **Jewish simbols on ancient jewish coins.** Filadélfia, 1944.
- ROSTOV'TZEFF, M. I. **Historia social y económica del mundo helenístico.** Madrid: Espasa-Calpe, 1967.
- _____. **História de Roma.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- SACCHI, P. **Storia del mondo giudaico.** Torino: Società Editrice Internazionale, 1976.
- SAULNIER, C.; PERROT, C. **Histoire d'Israel III.** De la conquête d'Alexandre à la destruction du temple (331 a.C.-135 a.D.). Paris: Du Cerf, 1985.
- SCHÜRER, E. **Storia del popolo giudaico al tempo di Gesù Cristo (175 a.C.-135 d.C.)** I. Brescia: Paideia, 1985.
- SILVA, A. J. A História de Israel na Pesquisa Atual. In FARIA, J. de F. (org.). **História de Israel e as pesquisas mais recentes.** Petrópolis, Vozes, 2003.
- TAVARES, A. **Impérios e propaganda na antiguidade.** Lisboa: Presença, 1988.
- VIDAL-NAQUET, P. Flávio Josefo y Masada. **Los Judios, la memoria y el presente.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 1996, p. 49-76.



WILLIAMS, M. H. *The Jews among the Greeks and the Romans*. A Diasporan Sourcebook. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.

ZANKER, P. *Augusto y el poder de las imagenes*. Madrid: Alianza, 1992.

